VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

Produção Didático-Pedagógica

2010

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ – UTFPR
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ – SEED
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO ESCOLAR – PDE

CONTAR E OUVIR HISTÓRIAS

CURITIBA
2011

FICHA PARA CATÁLOGRÁFICA PRODUÇÃO DIDÁTICO PEDAGÓGICA	
Título	Contação de Histórias
Autor	Aparecida Ferreira da Silva Bueno
Escola de atuação	Colégio Estadual Campos Sales
Município da Escola	Campina Grande do Sul
Núcleo Regional de Educação	Área Norte
Orientador	Sueli de Jesus Medeiros
Instituição de Ensino Superior	UTFPR
Disciplina	Língua Portuguesa
Produção Didático Pedagógica	Caderno Pedagógico
Público alvo	Alunos do Ensino Fundamental
Localização	PR 506 – KM 08, S/Nº - Jardim da Colina Campina Grande do Sul
Apresentação	Contribuir por meio de contação de histórias, a construção do conhecimento e do desenvolvimen to do aluno cidadão. Mediar a conquista pelo gosto da leitura. Também incentivar a arte de contar e ouvir histórias no espaço escolar, por parte de educandos do Ensino Fundamental, reaproximando a literatura da existência.
Palavras-chave	Contação de histórias; Leitura; Hábito de ler.

1.APRESENTAÇÃO

Sendo a **Contação de Histórias** um dos recursos didático-pedagógico capaz de contribuir para que o educando, através da oralização, tenha acesso às obras de literatura e também como motivador ao hábito de leitura, buscou-se aprofundar neste tema para que auxiliasse professores teórico-metodologicamente.

Este Caderno Pedagógico, busca aprimorar o ato de contar história, pois nele você conhecerá os conceitos fundamentais de leitura, oralidade**;**

Estratégias de leitura, que permite ao professor interpretar e compreender os textos escritos e aplicação ao educandos;

Um apoio, um caminho para o educador, que com toda a seriedade e responsabilidade se deixe levar pela brisa perfumada de uma história e perceba que, sobretudo, ele é o caminho de uma linda fantasia!

1.1.TEMA

O tema escolhido oferece técnicas de contar histórias, isto é, saber como usar a voz, o ritmo, os gestos, etc, despertando interesse e gosto pela leitura, prendendo a atenção e transmitindo valores éticos e estéticos, cultura com muita emoção, através de textos populares, folclóricos, literários de várias origens.

1.2.JUSTIFICATIVA

Proporcionar a análise do indivíduo como leitor por meio de práticas de leitura – Contação de Histórias – que vão ser implementadas por intermédio de atividades de incentivo ao hábito de ler.

O tema **Contação de Histórias** está relacionado com a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos no espaço escolar. Também mostrar a importância de incentivar a criança a ter um bom desenvolvimento dentro da sala de aula por meio das histórias contadas, pois acredito que se investindo na criança, estaremos investindo numa sociedade melhor.

1.3.PÚBLICO ALVO

Alunos do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Campos Sales.

1.4.OBJETIVOS

Incentivar a arte de **Contar Histórias** no espaço escolar por parte de professores e educandos do Ensino Fundamental, tendo como horizonte a cidadania, permitindo que eles entendam o seu mundo e compreendendo o mundo onde vivem.

Demonstrar que a **Contação de Histórias,** pode ser uma estratégia que proporciona grandes momentos de prazer e também incentiva o interesse pela leitura, que nem sempre tem recebido um incentivo maior por parte das escolas.

Incentivar um grupo pequeno de educandos a se transformarem em Contadores de Histórias no espaço escolar, Centros Municipais de Educação Infantil, Crianças internadas em Hospitais, fazendo com que a leitura venha a desempenhar um papel muito importante na evolução e consolidação de valores

culturais.

Reaproximar a literatura da existência. Pensar os elos que ligam literatura e vida, e no mesmo ato, desafiar barreiras e vícios intelectuais que as afastam. Trazer à escola grandes escritores que nos ajude a pensar literatura.

Sensibilizar educandos e professores da importância de recuperar traços de oralidade.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Compreende-se a leitura como um ato dialógico, interlocutivo que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento. Ao ler, o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim, as várias vozes que o constituem.

"[...] depende de fatores lingüísticos e não lingüísticos: o texto é uma potencialidade significativa, mas necessita da mobilização do universo de conhecimento do outro – o leitor – para ser atualizado" (PREFEITO, 2005, p. 54-55).

Conforme o autor, esse processo de mobilizar o leitor significa que ao fazer o ato de leitura, um texto leva a outro e o orienta para uma política de entendimento do texto e por isso, participa da elaboração dos significados, confrontando-o com o próprio saber, com a sua experiência de vida.

Na concepção de linguagem assumida pelas Diretrizes Curriculares Estaduais, o leitor, nesse contexto, tem um papel ativo no processo da leitura, e para se efetivar como co-produtor, procura pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, usa estratégias baseadas no seu conhecimento lingüístico, nas suas experiências e na sua vivência sócio-cultural.

Ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diversas esferas sociais: jornalísticas, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, midiática, literária, publicitária, etc. No processo de leitura, também é preciso considerar as linguagens não-verbais. A leitura de imagens, como fotos, cartazes,

propagandas, imagens digitais e virtuais, figuras que povoam com intensidade crescente nosso universo cotidiano, deve contemplar os multiletramentos mencionados nestas Diretrizes.

A leitura em sala de aula – literatura infanto-juvenil foi incorporada à escola e assim imagina se que por decreto todas as crianças passarão a ler, até que isso poderia ser verdade, desde que esta tarefa não viesse a ser uma tarefa a ser cumprida.

Alunos do Ensino Fundamental já se encontram com alguma experiência, tanto que é capaz de entrar no jogo da ficção de imaginar-se no lugar dos personagens, vivendo determinadas situações. Mas, antes, precisa entender literalmente o que o texto diz para poder confrontar o conteúdo textual com a própria experiência e com o que acontece à sua volta.

Ligia Chiappini de Morais Leite e Regina M.H. Hubner (2001) explicam que na sala de aula e nos outros espaços de encontro com os alunos, os professores de Língua Portuguesa e Literatura têm o papel de promover o amadurecimento do domínio discursivo da oralidade, da leitura e da escrita, para que os estudantes compreendam e possam interferir nas relações de poder com seus próprios pontos de vista permitindo a sua emancipação e a autonomia em relação ao pensamento e às práticas de linguagem imprescindíveis ao convívio social.

Candido (1972) afirma que a literatura por si só faz parte da formação do sujeito, atuando como instrumento de educação, ao retratar realidades não realidades não reveladas pela ideologia dominante.

2.1 CONVERSAS SOBRE ORALIDADES

Antes do advento da escrita, ao redor de muitas fogueiras, povos primitivos passavam seus ensinamentos através de histórias. O homem, sociável por natureza, aprendia com o convívio e, desde os primórdios, se organizava em círculos para aprender e ensinar. E as histórias vinham da sabedoria e da vivência daquele povo,

das experiências vividas em cada dia, em cada ato, em cada memória mantida por seus ancestrais, passadas de geração a geração, através de palavras carregadas de magia, de lembranças.

Entender a cultura oral é buscar o entendimento da formação das culturas que a utilizavam anteriormente ao surgimento da escrita. A tradição de contar histórias, oriundas das conversas ao pé do fogo trazem a vivência e sabedoria de muitas pessoas que, ainda não façam uso ou tenham o conhecimento da escrita, traduzem com maestria aquilo que vivem e convivem.

> Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 16)

Conforme Abramovich (1997), a escola deve ser tomada como espaço físico e social adequado para a coleta dos dados, devido ao fato de crê-se que o texto literário, nesse ambiente, deve circular com maior freqüência, tendo em vista ser ela, hoje, a principal responsável pela mediação de leitura na sociedade brasileira, muito embora outros mediadores também se façam presentes, como, por exemplo, a família. No entanto, as condições socioeconômicas e culturais das famílias, muitas vezes, não as tornam agentes preparados para cumprirem também esse papel, cabendo, portanto, à escola atuar como protagonista nesse contexto. Além disso, o ambiente escolar é o lugar em que o processo de formação do leitor apresenta maior visibilidade em face de sua organização formal.

Por meio de uma história é que descobrimos outros lugares, outros jeitos de agir, outra ética e, ao mesmo tempo, ficamos sabendo Filosofia, Política, Sociologia, Geografia, História e, principalmente, Língua Portuguesa sem ao menos achar que isso é aula, pois se acontecer deixa de ser Literatura, deixa de ser prazer.

A leitura em sala de aula – literatura infanto-juvenil foi incorporada à escola e assim imagina se que por decreto todas as crianças passarão a ler, até que isso poderia ser verdade, desde que esta tarefa não viesse a ser uma tarefa a ser

cumprida.

> a Literatura resulta o que precisa ser redefinido na escola: a Literatura no ensino pode ser somente um corpo expansivo, não-orgânico, aberto aos acontecimentos a que os processos de leitura não cessam de forçá-la. Se não for assim, o que há é o fechamento do campo da leitura pela via do enquadramento do texto lido a meros esquemas classificatórios, de natureza estrutural (gramática dos gêneros) ou temporal (estilos de época). (ABRAMOVICH, 1997, p. 16)

O trabalho com a Literatura potencializa uma prática diferenciada com o conteúdo estruturante da Língua Portuguesa (o Discurso como prática social) e constitui forte influxo capaz de fazer aprimorar o pensamento trazendo sabor ao saber.

É papel de a escola auxiliar na formação de leitores que produzam sentido por meio de diálogo com os diversos gêneros literários. Para que o aluno tenha uma compreensão crítica do ato de ler, não basta decodificar, é preciso que o educando possa integrar a leitura com a realidade em que vive para que o signifique o texto por meio da sua compreensão de mundo.

2.2 CONTAR E OUVIR HISTÓRIAS

Contar histórias é a mais antiga das artes. Nos velhos tempos, o povo se reunia ao redor do fogo para se aquecer, alegrar, dialogar, narrar acontecimentos. As pessoas, assim reunidas, contavam e repetiam histórias para guardar suas tradições e sua língua. Assim, transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e os valores resguardados pela comunidade.

Sendo a contação de histórias um recurso didático-pedagógico capaz de assegurar aos alunos, através da oralização, o acesso às obras da literatura, contribui ainda como motivadora ao hábito de leitura, tanto do aluno em seu processo de alfabetização, quanto do professor. Os resultados alcançados com essa experiência estão evidenciados nos momentos literários realizados pelas escolas, na

ampliação dos acervos de biblioteca, empréstimo de livros realizados por professores e alunos, segurança e qualidade na prática pedagógica e na troca de experiências pautadas em referenciais teórico-metodológicos. Enfim, através da motivação do professor-leitor, as atividades literárias vêem garantindo seu lugar na escola de forma eficiente e prazerosa.

Incentivar o hábito de leitura é uma das atribuições da escola tendo o professor como mediador entre o texto e o aluno. Compreende-se então, que o despertar da leitura começa a formar-se nas séries iniciais e que o professor deve estar preparado para esta tarefa. Seria muito importante que a leitura começasse em casa, já na primeira infância quando os pais deveriam ler pequenas histórias para seus filhos. Porém, isso normalmente não acontece. Cabe então à escola formar e sistematizar o hábito de leitura e espera-se que o professor dê conta desta atribuição, pois é preciso dar-lhe condição para que se torne um leitor competente.

Sisto diz que:

> Se pinçarmos da nossa história a contribuição cultura, principalmente dos índios e negros. Com certeza não será difícil lembrar que os índios se reuniam em ritual de círculo, para socializarem suas histórias, crenças e tradições, suas descobertas, suas experiências cotidianas em forma de narrativa. Se formos buscar no passado negro – pelas duas vias: a de raça e sua participação na nossa formação cultural; e a da vergonha pela exploração escravagista – vamos fatalmente dar de cara com toda uma rede de histórias, para preservar e para entreter. A história, como defesa de suas raízes, era uma maneira de não se entregar. A história como elemento lúdico, por exemplo, eram um sacrifício das escravas, as amas de leite, para tranqüilizarem as crianças deixadas sob sua guarda. A história, como elemento sagrado, proferida pelo reconhecimento do valor das palavras, como força ritualística e congregadora sempre foi ‘arma’ dos negros e dos índios. (SISTO, 2005, p.14)

Portanto, se como herança de nossos antepassados negros e índios trazem o ritual de propagação das histórias, vale lembrar que ao se contar histórias evocam-se o ouvinte e este se constitui parte fundamental do ato da transmissão dos valores encenados na magia de uma história.

Contando histórias o professor conduz seus alunos pelo universo mágico da literatura, garantindo pela oralidade, o acesso ao patrimônio cultural da infância a que todas as crianças têm direito.

Abramovich (1997) chama atenção para o fato de que ao ouvir uma história a criança dá seu primeiro passo rumo a sua formação psicológica. Necessita ouvir muitas histórias para despertar seu imaginário, bem como para buscar respostas a tantas perguntas descobrindo o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos. Sua identificação com os tantos personagens, com a maneira como estes resolvem seus conflitos e assim esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a solução delas.

Segundo Abramovich:

> É ouvindo histórias que as crianças sentem emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade, o encantamento e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve, assim, sentem e enxergam com os olhos do imaginário. (1997, p. 20)

Segundo o autor é através da literatura que chegam até nós, fascinantes histórias com belíssimas lições de vida. Textos que ensinam, a cada leitura, algo novo e essencial ao crescimento e amadurecimento do ser humano. As histórias nos permitem conhecer e criar mundos fantásticos, repletos de seres mais extraordinários e das sensações mais diversas, sem elas, sentimentos, encantos belezas e ensinamentos se perderiam no tempo. Daí a grande importância do contador e seu ato de contar histórias. Pois se completa o fio condutor da herança cultural da humanidade tendo a literatura como materialização, na forma de registro escrito, bem como a arte da palavra, através dos grandes clássicos produzidos por grandes autores.

2.3 O QUE É CONTAR HISTÓRIAS

2.3.1 Literatura oral

A literatura oral é a das mais antigas artes de exprimir eventos reais ou fictícios em palavras, imagens e sons. Em todas as culturas e localidades

estórias/histórias têm sido compartilhadas como meio de entretenimento, educação, preservação da cultura e para incutir conhecimento e valores morais. A necessidade de socialização e a habilidade natural de usar a comunicação verbal para entreter, historiar , ensinar e etc., demonstra por que é tão usual se contar histórias.

2.3.2 A Evolução da Literatura Oral e as Tradições

Segundo Leo Ostrovski, inicialmente as narrativas eram orais, usando como recursos os gestos e expressões, com o passar dos tempos a educação começou a ficar mais disponível para todos, a escrita começou a tirar o lugar das narrações orais e a refinar mais os textos, transformando uma tradição de reunião para ouvir uma estória em algo mais introspectivo. Atualmente existe uma indústria de entretenimento com base sofisticada de narrativa multimídia.

A literatura oral é uma forma de arte improvisacional. Segundo Leo Ostrovski, geralmente, um narrador não memoriza um conjunto de textos, mas aprende uma sequência de incidentes “roteirizáveis” que formam uma trama com um início, meio e fim, distintos. O narrador visualiza os personagens e cenários e então improvisa o fraseado**.** Por conseguinte, nunca duas narrativas de uma mesma história oral serão exatamente iguais.

2.3.3 A Evolução do Contador de Histórias

Nas culturas mais antigas o papel do contador de histórias era de sacerdotes religiosos que se encarregavam de repassar as tradições e os mitos de criação do mundo e do homem.

Na Europa Medieval, surge o menestrel, que era uma pessoa encarregada de transmitir as histórias, as lendas e poemas de forma oral, cantando a história em poemas recitados.

À medida que as cortes foram ficando mais sofisticadas, os menestréis foram substituídos por trovadores, e vários deles tornaram-se errantes, apresentando-se para a população comum, tornando-se assim os divulgadores das obras de outros

autores. Muitos romances de cavalaria são estórias contadas por trovadores.

2.3.4 O Contador de Histórias Hoje

Atualmente atores, professores, etc. criam formas performances que não são nem modernas nem arcaicas para narrarem contos. Consultores organizacionais e gerentes também têm descoberto o poder da literatura oral nas organizações.

Existem muitas pessoas que tornara o ato de contar histórias em uma profissão. No mundo contemporâneo, a figura do contador de histórias está intimamente ligada ao incentivo à leitura, entretenimento cultural e difusor do folclore regional. E a maneira com que é transmitida a história contada, também encontra novas técnicas e de formas animadas, o teatro de bonecos e a pantomima.

O mais importante marco de contação de histórias no Brasil pode ter sido o programa Bambalalão (1977 \á 1990) na TV Cultura de São Paulo. Após o término do programa, outras atrações do canal mantiveram o momento de contação de histórias em seus roteiros como os programa: Rá-Tim-Bum, Mundo da Lua, Castelo Rá-Tim-Bum, etc.

2.3.5 História Infantil

Quando realmente envolvidas na história, “de corpo e alma”, desperta-se impulsos, sentimentos de ação, de sonhar, de fazer igual.

As histórias voltadas para o público infantil permitem:

a) Auxílio no encontro de idéias para solucionar problemas;

b) Estimulo do imaginário, responder as curiosidades com relação às indagações;

c) Ver e ouvir com os “olhos do imaginário”, passar por emoções importantes;

d) Deparar se com mundos cheios de dificuldades, de soluções, de impasses que são enfrentados pela personagem;

e) Elucidar os problemas através de um caminho de resolução em relação ao meio que vive baseando-se através do seu reflexo com a personagem;

f) Abrir as portas da compreensão do mundo.

2.3.6 Histórias Por Faixa Etária

idade	Tipos de histórias
Até 3 anos: fase pré-mágica 3 a 6 anos: fase mágica	• Histórias de bichinhos, brinquedos, objetos da natureza • Histórias de crianças; • Histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A Formiguinha e a Neve, etc); Histórias de fada.
7 anos	• Histórias de crianças, animais e encantamento; • Aventuras no ambiente próximo: família, comunidade; • Histórias de fadas.
8 anos	• Histórias de fadas com enredos mais elaborados; • Histórias humorísticas.
9 anos	• Histórias de fadas; • Histórias vinculadas à realidade, textos bíblicos.
10 anos em diante	• Aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções; • Fábulas, mitos e lendas, biografias, etc.

2.3.7 Tipos de Histórias

Existem muitos tipos d estórias, mas sem dúvida as melhores são aquela que descrevem as próprias experiências das crianças, as que acrescentam fantasias e fatos fascinantes.

Livros/histórias sem textos, apenas com imagens, podem ser ótimas maneiras de desenvolver a capacidade de olhar e usar o poder criativo da sua mente, desenrolando estórias de modo ligeiro e vivo.

a) Contos de fadas;
b) Mitos;
c) Lendas;
d) Fábulas;

2.3.8 Fases de uma História

Introdução ou apresentação é o que situa o ouvinte no tempo e espaço, apresentando os personagens principais e algumas características de como eles vivem. Também apresenta o conflito principal da história.

Desenvolvimento ou enredo é o meio que sabemos o que aconteceu com estes personagens e o que eles fizeram para resolver seus problemas, isto é, a

parte essencial da história, pois apresenta a sucessão de fatos, as situações de confrontos, desafios, descobertas, incertezas, vitórias e derrotas.

Ponto culminante é a parte mais emocionante da história, é o auge. É o resultado dos acontecimentos que a fase anterior preparou. Nesta fase o ouvinte ficará ansioso para saber se o objetivo será conseguido.

E por fim, **conclusão ou desfecho** é a situação onde se resolve todos os problemas e também onde descobrimos o que os personagens aprenderam com tudo isso, e como viveram depois.

2.3.9 Recursos para Narração

É importante estarmos envolvidos de corpo, mente e espírito com a história ou personagem de contador. É importante lembrar que ao contar histórias é uma balança, onde se equilibra o que é ouvindo e sentindo pelo público.

Um livro deve ser lido antes pelo narrador para depois ser lido para as crianças, dessa forma, o contador familiariza-se com o enredo e pode preparar efeitos para a contação.

2.3.10 Principais Cuidados ao Contar Histórias

a) O espaço deve ser confortável, pode ser no chão ou em cima de tapete almofadas ou cadeiras confortáveis. Eles devem estar em semi-círculo, com o narrador no meio e em frente;
b) Sempre iniciar com algum “gatilho”, o mais comum é “Era uma vez...”
c) Deixar espaço para a imaginação dos ouvintes, por isso não dê muitas descrições, apenas as necessárias;
d) Utilize a voz como seu principal recurso, sussurre quando o personagem estiver em perigo ou com medo, deixe um tom mais grave para vilões, etc.;
e) Quando for introduzir o “então” faça uma pausa dramática;
f) Durante o conflito da história, de tempo para que cada criança vivencie o momento e tome a sua posição;
g) Relaxe, contar histórias não é um momento especial. Desfrute o momento, o ritmo e o clima com os espectadores. Não se apresse;
h) Para terminar a história, você pode ficar em silêncio, respirar profundamente e dizer, olhando nos olhos de cada criança: FIM ou então usar a frase: “E esta história entrou por uma porta e saiu pela outra, e quem quiser que conte

outra”.

i) Se houver interrupção, responda com gesto, sorriso, movimento com a cabeça ou pode-se fixar o olhar nos olhos da pessoa e com um gesto pedir para aguardar;

j) Duração varia da idade do público, espaço, evento etc. Recomenda-se de 5 à 10 minutos para os menores e de 15 à 20 minutos para os maiores, mas é muito flexível. O narrador pode aumentar ou encurtar a estória, tudo de acordo com a intensidade da atenção e interesse do público.

2.3.11 Técnicas

Vocal

A expressão vocal é muito importante na narração. Falar bem, com uma boa voz, deixa mais rica e bonita uma contação. Treine falar alto. Leia em voz alta textos para você mesmo e depois para outras pessoas.

Facial

O rosto está sempre bem focado durante a contação. Usar a sobrancelhas e a boca para demonstrar sentimentos de humor, espanto, medo, raiva, etc.

Corporal

Muitas vezes o corpo é pouco usado durante a contação, mas pode se usar muito os membros. A principal inspiração, são os movimentos cotidiano um pouco exagerados. Outra forma de estudar expressão corporal é ver filmes mudos, pois eles são excelentes fontes de recursos.

2.3.12 Atividades pós contação

Para crianças a história pode ser um anzol para o despertar da criatividade e pode funcionar como um catalisador para atividades, como exemplo:

a) Dramatização: Auxilia a desinibir os mais tímidos e retraídos, como também no desenvolvimento do trabalho em grupo. Histórias com repetições de movimentos e fáceis de guardar são excelentes. Deixe que eles escolham os papéis e resolvam entre si as situações;

b) Conversas/grupos de discussão: As conversas devem ser limitadas a comentários e não ter interpretações sobre a mensagem. São comentários oportunos, engraçados, interessantes e que podem delatar conflito das crianças;
c) Atividades plásticas: Registrar a história através de pinturas, recortes, desenhos, modelagem, etc. Pode-se pedir para criarem o depois do final feliz ou qual a parte mais marcante da história;
d) Pantomima: Atividade para o desenvolvimento corporal. Repete se a história, apenas com o uso de expressão corporal.

CADERNO DE IMPLEMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

3.PROCEDIMENTOS

Este Caderno Pedagógico é importante em todas as fases do educando. Sabemos que eles pensam em textos muito antes de escrever convencionalmente, por isso a importância deste trabalho, para que através dele podermos formar crianças leitoras desde os seus primeiros anos de vida escolar.

Como a humanidade evolui consideravelmente e os desafios tornam-se cada vez mais difíceis, é através da leitura que se vai despertar neles, cada vez mais, o interesse pela leitura é que propomos formas de melhoria na educação como um todo, pois este Caderno Pedagógico deve ser trabalhado em todas as áreas do conhecimento, aumentando seus conhecimentos, o prazer e o gosto pela leitura.

Objetivos

Proporcionar aos professores e alunos a leitura de textos e livros diversos que possa contribuir para seu aprendizado, na sala de aula.

Despertar nos educandos o gosto e o prazer pela leitura buscando formar cidadãos incansáveis na busca do conhecimento, num processo de formação de futuras gerações.

Metodologia

Sabemos que cultivar o gosto pela leitura nos educandos não é um processo rápido, e que deve ser trabalhado gradativamente e interativamente em todas as disciplinas para que a aprendizagem realmente aconteça para que eles se tornem realmente seres pensantes e capazes de se relacionar consigo mesmo e com o mundo.

Ao professor cabe criar condições para que o aluno possa dialogar com o texto do livro e também oferecer aos educandos acesso a um bom material de leitura, sempre sendo um exemplo de professor leitor.

Sugestões

a) Oferecer aos alunos diversos tipos de histórias como: fábulas, lendas, poesias, contos de fadas, histórias de bruxas, histórias em quadrinhos, etc.

b) Incentiva-los a escrever histórias conhecidas e ouvidas;

c) Incentiva-los a recontar as histórias;

d) Emprestar livros da biblioteca da escola;

e) Convidar os pais ou avós para que possam contar histórias do seu próprio repertório;

f) Criar suas próprias histórias;

g) Contar histórias em Centros de Ensino Municipal;

h) Contar histórias em Escolas Municipais;

i) Contar suas histórias em outras salas da Rede Estadual de Ensino;

j) Contar histórias em Enfermaria Pediátrica de Hospitais;

k) Visitar a biblioteca da cidade.

l) DVDS para comparação das histórias lidas;

m) CDS de histórias.

Avaliação

a) Que o educando faça adequação do discurso à situação de produção;

b) Que expresse suas idéias com clareza;

c) Que o aluno respeite os turnos de fala;

d) Que o aluno organize a sequência da fala.

e) Que aumentem seu repertório e gosto por ouvir e contar histórias.

Apresentação

O Caderno é composto por:

- Texto ou sugestão de leitura;
- Encaminhamentos
- Ações pedagógicas possíveis;
- Tempo previsto para realização

3.1 Atividade 1:

Sugestão de leitura: A Bruxa e o Caldeirão – José Leon Machado

Fonte: www.dominiopublico.gov.br

Faixa etária: Crianças de 02 a 06 anos

Encaminhamentos

- Sempre procurar um clima propício para exercer esta atividade, procurando escolher um espaço agradável;
- Para que tudo saia a contento, as crianças devem estar sentadas e devem ser envolvidas na história;
- Dar a possibilidade das crianças pegarem, manusear o livro para que a leitura seja valorizada;

Sugestões de ações pedagógicas possíveis

a) Uma conversa rápida com as crianças sobre sapos;

b) Em seguida, pedir para as crianças que entrem no ambiente pulando como sapos e vocalizando como um sapo;

c) Conversar com as crianças sobre os sapos, incentivando-os a contarem experiências que tiveram na vida, envolvendo sapos;

d) Após, mostrar o livro, destacar o autor e o ilustrador e ler a história para todos, não se esquecendo de mostrar as ilustrações, sempre pedindo que as crianças descrevam o que estão vendo nas figuras;

e) Terminada a história, distribuir massa de modelar para todas as crianças façam esculturas de sapos.

Tempo previsto para realização

3 aulas

3.2 Atividade 2: Usando o livro

Sugestão de leitura: O ratinho Roi Roi – Lenira Almeida Heck

Fonte: www.dominiopublico.gov.br

Faixa etária: Alunos do 4º e 5º ano

Encaminhamentos

- Sempre procurar um clima propício para exercer esta atividade, procurando escolher um espaço agradável;
- Para que tudo saia a contento, as crianças devem estar sentadas e devem ser envolvidas na história;
- Dar a possibilidade das crianças pegarem, manusear o livro para que a leitura seja valorizada;

Sugestões de ações pedagógicas possíveis

a) Uma conversa rápida com as crianças sobre o livro: Editora, Autora, Edição;

b)Conversar com as crianças sobre os ratos, incentivando-os a contarem experiências que tiveram na vida, envolvendo ratos;

d) Após, mostrar o livro, destacar o autor e o ilustrador e ler a história para todos, não se esquecendo de mostrar as ilustrações, sempre pedindo que as crianças descrevam o que estão vendo nas figuras;

e) Terminada a história, distribuir massa de modelar para todas as crianças façam esculturas de ratos.

Texto: O Ratinho Rói-Rói

Era uma vez um ratinho muito comilão chamado Rói-Rói. Ele morava com a família num pequeno bueiro. Sua mãe, uma rata muito simpática chamada Zana, tinha outros filhos, mas nenhum tão guloso quando Rói-Rói.

Certo dia D. Rata Zana saiu à procura de novo lugar para morar. Depois de muito caminhar, encontrou uma toca funda e confortável que ficava num pequeno jardim de uma casa. O lugar era ótimo. Na calçada havia duas lixeiras: uma para lixo seco e outra para lixo orgânico – tudo muito organizado.

De vez em quando alguns cachorros espalhavam o lixo para tudo quanto era lado, deixando o local feio e completamente sujo.

Próximo do jardim havia um bueiro que conduzia à rede de esgoto. O lugar era ideal para os ratinhos crescerem fortes e saudáveis. Era uma maravilha de lugar.

Dona Rata Zana, preocupada com a segurança dos filhos disse-lhes:

- Escutem com atenção! De hoje em diante vocês não andarão na rua durante o dia. Esperarão anoitecer, pois, se nos descobrirem, irão nos expulsar sem piedade. Entenderam?

- Sim, mamãe! Gritaram todos.

Mas o que eles não sabiam era que naquele lugar morava uma enorme gata cinza-malhada chamada Mini, considerada o terror dos ratos e dos pássaros.

Depois do aviso da mãe, os ratinhos esperaram ansiosos o anoitecer. Quando tudo estava silencioso, D. Rata Zana e seus filhotes saíram à procura de alimentos. Todos pularam de alegria, pois encontraram pedaços de queijo, refstos de toucinhos e outras delícias na lixeira. Eles comeram tanto que pareciam que iriam estourar. Rói-Rói, o mais guloso de todos, quase não conseguia caminhar.

A comida ali era tão boa que eles nem queriam lembrar da época em que moravam no pequeno bueiro mal-cheiroso e lá quase não tinham com que se alimentar. Como estavam felizes!

Mas certa noite apareceu a temível gata de bigodes brancos e rabo tremulante.

Os ratos levaram o maior susto! Foi um correndo pra cá, outro correndo pra lá. Enfim, todos conseguiram escapar!

Opa! Quase todos! Rói-Rói não conseguiu fugir.

Para salvar Rói-Rói, D. Rata Zana avançou corajosamente contra a enorme fera. Mas nada pôde fazer, porque logo recebeu uma patada que a jogou longe. Em seguida, viu a gata sair em disparada levando a caça entre os dentes.

Chegando na casa soltou Rói-Rói e passou a se divertir. Quanto mais ele corria, mais ela o perseguia.

Lá pelas tantas Rói-Rói implorou ao Deus dos animais dizendo:

- Meu Deus! Salve-me das garras do meu perseguidor. Se me ajudar, prometo que serei um bom rato: não transmitirei doenças, não morderei as pessoas, não estragarei as feijoadas das donas de casa e repartirei com meus irmãos todo o queijo que encontrar.

Não demorou, a gata se desinteressou de brincar, subiu no sofá e lá adormeceu. O coração de Rói-Rói batia acelerado: Tum-tum, tum-tum, tum-tum!

Ainda assustado, ele correu para atrás do armário.

Era madrugada quando Rói-Rói arriscou-se a sair do seu esconderijo. Com muito cuidado, subiu na mesa e comeu tudo o que encontrou. Enquanto a gata dormia, Rói-Rói se divertia.

Quando já estava amanhecendo, Rói-Rói lembrou dos conselhos da D. Rata Zana e foi correndo esconder-se atrás do armário. Assim, durante o dia, ele dormia e, à noite, andava pela casa.

Uma noite, a dona da casa acordou e, ao acender a luz, deparou-se com Rói-Rói em cima da mesa. Assustados, Rói-Rói correu atrás do armário e .a mulher saiu gritando apavorada!

- Um rato! Um raaaaato! Um raaaato! Ploft. Caiu dura a mulher.

Com o barulho, marido e filhos acordaram e lá estava Dona Ana desmaiada. Abriram a porta para ventilar o ambiente. O susto foi grande, mas nada de grave aconteceu.

Naquele instante, Rói-Rói aproveitou para escapar.

Enquanto isso... Mini dormia sossegada.

No dia seguinte, lá estava Rói-Rói belo e faceiro, porque no meio da confusão encontrou o caminho de volta para casa. Na toca, todos festejaram a sua volta. Rói-Rói viveu muitos anos e gerou muitos ratinhos, e todos viveram felizes para sempre.

Tempo previsto para realização

3 aulas

3.3 Atividade 3: Usando texto

Sugestão de leitura: A Verdadeira História do Lobo Mau e os três porquinhos

Fonte: Autor desconhecido

Faixa etária: Alunos do 6º e 7º ano

Encaminhamentos:

- Sempre procurar um clima propício para exercer esta atividade, procurando escolher um espaço agradável;
- Perguntar aos alunos se eles conhecem a história dos Três Porquinhos;

- O professor também precisa conhecer a história original, para poder trabalhar com outras versões;
- Para que tudo saia a contento, os alunos devem estar sentados, preferencialmente em círculo nas cadeiras ou sobre tapete, almofadas, etc e devem ser envolvidas na história;

Sugestões de Ações pedagógicas possíveis:

- Fazer apresentação do texto a ser lido ou contado, com especial destaque para o autor da história;
- Fazer a leitura/contação, criando um clima de envolvimento, de encanto, dando pausas, o tempo para o imaginário, para que o aluno construa o seu cenário;
- Após a leitura/contação, iniciar uma discussão levando os educandos a exporem suas visões a respeito das versões lidas ou ouvidas, a respeito desta história, pois, afinal ler ou contar histórias é também desenvolver o potencial crítico dos alunos;

Texto:

Era uma vez um lobo que morava numa linda floresta. Lá havia muitas árvores, flores e pássaros que cantavam alegremente.

Uma tarde, sentado em sua rede, o lobo sentiu muita fome. Fome de uma coisa! Foi até a cozinha e resolveu fazer um bolo de chocolate.

Começou a tirar os ingredientes da geladeira: margarina, ovos, leite, etc. de repente percebeu que havia ficado sem açúcar.

Então resolveu pedir uma xícara de açúcar emprestada para o vizinho que morava numa casa toda de palha.

Tocou a campainha e esperou com a xícara na mão.

O porquinho olhou pelo olho mágico e vendo o lobo, saiu correndo pela porta dos fundos.

Como o lobo não fora atendido, resolveu chamar: “Porquinho, Porquinho, você está aí?”. Ninguém respondeu.

Já estava a ponto de voltar para casa sem o açúcar para o bolo de chocolate.

Então resolveu tentar na casa do próximo vizinho, cuja casa era de madeira e tocou a campainha e esperou com a xícara na mão.

O porquinho olhou pelo olho mágico e vendo o lobo, saiu correndo pela porta dos fundos.

Como o lobo não fora atendido, resolveu chamar: “Senhor Porco, Senhor Porco, está em casa?”. Ninguém respondeu.

Já estava novamente a ponto de voltar para casa sem o açúcar para o bolo de chocolate, mas como a fome era grande resolveu tentar na casa do próximo vizinho, cuja casa era de tijolos.

Tocou a campainha. Ninguém respondeu. Chamou: “Senhor Porco, o senhor está?”. Ele tinha provavelmente um saco cheio de açúcar e com certeza me emprestaria uma xicrinha de açúcar para o bolo de chocolate.

O porco olhou pelo olho mágico e chamou a polícia. O lobo já estava quase indo embora quando a polícia chegou.

O lobo foi preso e está lá até hoje, sem entender nada, com a xícara na mão esperando alguém emprestar um pouco de açúcar para ele fazer um bolo de chocolate.

Tempo previsto para realização
3 aulas

4.ORIENTAÇÕES/RECOMENDAÇÕES

Para que seus alunos ampliem seu repertório, eles precisam ler bons livros e muitos textos de vários gêneros, é claro, tendo você professor, como mediador, sempre os incentivando, questionando, dando informações sobre o autor, o tempo, a fonte, o estilo, etc.

5.PROPOSTA DE AVALIAÇÃO

Valorizar a conquista dos alunos, você professor poderá promover Contação de Histórias, na Biblioteca do município, nos Centros Municipais de Educação Infantil, nas Escolas Municipais de Educação, nas Escolas/Colégios Estaduais de seu município, em hospitais, Creches, etc